

## OFICINA DE PINTURA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Antonio Henrique da Silva Oliveira <sup>1</sup>  
Glays Richeles Araújo Veiga <sup>2</sup>

### RESUMO

O ensino de história na maioria das vezes ainda segue de maneira tradicional, de tal forma a gerar nos alunos um grande desinteresse pela matéria, bem como dificuldades de interpretar e explorar fatos históricos ministrados em aula. Com intuito de contornar tal perspectiva, como também transmitir uma nova forma de conhecimento sobre patrimônio histórico, desenvolvemos o projeto de extensão intitulado EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE HISTÓRIA no qual realizou-se o trabalho com 26 alunos de uma turma do 6º ano B da Escola Municipal do Ensino Fundamental Tiradentes, do município de Campina Grande na Paraíba. Nesse realizou-se práticas pedagógicas educativas (Vidal, 2005) dentre as quais se destacam visitas a museus e a realização de uma oficina de pintura, sobre o modelo arquitetônico, Art déco presente na cidade de Campina Grande e que compõe o seu patrimônio histórico e arquitetônico. Tais atividades visavam despertar a consciência histórica (Rüsen, 2010), a descoberta de lugares de memória (Nora, 1993) proporcionando um papel e a experiência (Larrosa, 2018) de produtores do conhecimento, fazendo com que discentes edifiquem uma relação de pertencimento a sua cidade, sentimento esse, que acaba por assegurar uma identidade cultural.

**Palavras-chave:** Ensino, Pintura, Art déco, Consciência Histórica, Campina Grande.

### INTRODUÇÃO

O ensino de História precisa ser refletido mediante o grau de importância que ele apresenta ao ser responsável, e possibilitar a construção de uma consciência histórica no discente. No entanto, esse mesmo ensino convive com vários desafios os quais precisam ser ponderados.

O mundo da conectividade e da alta velocidade que estamos vivenciando, produz um desafio enorme para o docente, que procura ensinar e desperta a reflexão em uma sala de aula do 6º Ano. Pois, mediante a ausência de estrutura física, pedagógica e humanística em muitas escolas públicas, os alunos são facilmente levados ao desânimo e o desinteresse pelo processo de aprendizagem.

Compreendemos que ao Ensino de História cabe um papel educativo, formativo, cultural e político, e sua relação com a construção da cidadania perpassa diferentes espaços de produção de saberes históricos dentro e fora da sala de aula. "O "foco na alfabetização", todavia, não pode perder de vista as diversas dimensões que o processo envolve, pois, como

<sup>1</sup> Cursando técnico em Química no Instituto Federal - PB, [riqueoliveira77@gmail.com](mailto:riqueoliveira77@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor do IFPB – CG, Mestrando no programa de PPGH - UFCG, [glaydshistoria@hotmail.com](mailto:glaydshistoria@hotmail.com);

nos destacou SILVA e FONSECA (2010) sobre os ensinamentos de Paulo Freire, “ler é ler o mundo: não podemos aprender a ler as palavras sem a busca da compreensão do mundo, da História, da Geografia, das experiências humanas, construídas nos diversos tempos e lugares.”

Nosso país tem um patrimônio histórico riquíssimo, que não é preservado como deveria tanto pela negligência do Estado, quanto pela falta de conhecimento da população devido à ausência de uma consciência histórica. Nesta situação, podemos refletir com Guzzo,

"a educação patrimonial deve ser urgentemente inserida nos programas escolares, os professores deveriam trabalhar a fim de que a memória não fosse abandonada, pois um povo sem memória perde suas características e facilmente é dominado, tanto culturalmente quanto economicamente. Faz-se necessário a educação patrimonial." (GUZZO, 2013, p. 16)

Além de que, como pondera Horta,

“[...] a Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, lavando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.” (HORTA, et. Al, 1999 p. 6)

Para a obtenção destes conhecimentos, de tal forma, a saber-se como preservar o nosso patrimônio, além de experiências teóricas é necessária à adição de práticas educativas que busquem despertar nos alunos o desejo pelo conhecimento, tal como a oficina de pintura, tendo em vista o olhar de Yamazak,

"o ensino através de brincadeiras, jogos, desafios etc., parece provocar aprendizagem de forma mais eficiente, no sentido de que os estudantes, além de mostrarem-se dinâmicos quando em meio ao processo, mostram-se também dispostos a continuar a aprendizagem mesmo que em outros contextos, algumas vezes motivados a discutirem sobre assuntos referentes às ciências em lugares como restaurantes, bares, praças, algumas vezes prosseguindo os estudos em cursos mais avançados." (Yamazak, et. Al., 2006 :p. 1).

Acreditar nesta óptica possibilita a valorização da prática do ensino interativo, como exalta Silva,

"Essa visão pedagógica abre espaço para um processo de ensino-aprendizagem que valoriza a prática de um ensino dinâmico, alegre e moderno. Cada sujeito possui pontos cognitivos e afetivos que evoluem para o crescimento harmonioso, filosófico, artístico e científico por meio de ações culturais." (Silva, 2015, p.12).

Em meio a inúmeras possibilidades, concluímos que uma prática metodológica para fazer com que estes obtenham a iniciação deste processo de ensino aprendizagem é fazer os alunos refletirem sobre as imagens, as quais,

“cabe ao professor criar as oportunidades, em todas as circunstâncias, sem esperar a socialização de suportes tecnológicos mais sofisticados para as diferentes escolas e condições de trabalho, considerando a manutenção das enormes diferenças sociais, culturais e econômicas pela política vigente”. (BITTENCOURT, 1998, pg. 89).

Olhar para ao patrimônio histórico de Campina Grande e criar um mecanismo de prática educativa que permita o aflorar de uma consciência histórica é fazer uso de um mecanismo bem presente na história, as imagens, mais precisamente a pintura. A Pintura é importante para o dialogo histórico, visto que, "pinturas possuem particularidades de cada época, o pintor coloca suas observações sobre determinado assunto que irá pintar." (COELHO, 2012).

Logo, o uso de imagens por historiadores não pode ser limitado ao sentido ilustrativo e de entretenimento, a pintura é uma fonte, como externou Burke compartilhando a seguinte ideia,

"deve-se também deixar espaço para o que Francis Haskell denominou “o impacto da imagem na imaginação histórica”. Pinturas, estátuas, publicações e assim por diante permitem a nós, posteridade, compartilhar as experiências não verbais ou o conhecimento de culturas passadas" (BURKE, 2004, p. 16-17).

Portanto, além de utilizar a pintura, precisamos conhecer e compreender o conceito de Art déco, e para isso nos apropriamos da definição apresentada por Pisseti e Souza, 2011, que estabelece esse modelo arquitetônico como "um estilo decorativo de extensão internacional que surgiu na França e atingiu seu auge no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial", e como dissertou Correia, 2008, “Este estilo arquitetônico, adota princípios de hierarquização, expressos em formas escalonadas e na ênfase ao acesso principal. A construção, muitas vezes, estrutura-se através de uma composição volumétrica integrando formas geométricas”.

Tendo a consciência da importância do uso de pinturas como fonte histórica e o domínio conceitual do estilo Art déco, o objetivo principal do trabalho é expor e analisar a utilização da pintura como uma metodologia educativa, ou seja, um método adicional alternativo de ensino, a partir de uma experiência de prática educativa com alunos do 6º ano B da Escola Municipal Tiradentes.

De tal forma a verificar a eficácia do método e analisar as possibilidades de despertar nos alunos participantes da proposta, o sentimento de pertencimento e reconhecimento das origens através do meio educacional, realizando um flashback de momentos pelas visitas técnicas que trouxeram a tona e exaltaram inúmeros sentimentos proporcionados pelo olhar sobre arquitetura, que se faz transportar e se reconhecer como ator social na história local.

## **METODOLOGIA**

Participar de um projeto de extensão permite a professores e alunos vivenciarem novas experiências dentro de uma turma. Sair da sala de aula e ocupar novos espaços educacionais dentro da escola ou fora dela, traz aos olhos dos discentes, um misto de emoções entre o conhecer, o despertar e ao mesmo tempo o desafio do outro, do diferente. Esses novos espaços educacionais, o museu, um parque, o centro histórico, um atelier de pintura, uma sala de aula de outra instituição etc, conduz o aluno a possibilidade de criar algo novo, de aprender e de despertar a sua consciência histórica, mediante uma prática educativa.

No decorrer do ano de 2018 desenvolvemos, entre os meses de julho e dezembro, o projeto de extensão intitulado EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DE HISTÓRIA, trabalhando com 26 alunos de uma turma do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tiradentes, no município de Campina Grande na Paraíba.

Inicialmente, foram realizados estudos sobre o centro histórico da cidade, que guarda em suas edificações, muitas do final do século XIX e início do XX, um repleto estilo arquitetônico denominado, Art déco. A história de Campina Grande se mistura a esse estilo, originário da França e com isso tivemos como intuito obter-se uma relação de pertencimento e despertar para se conhecer a história local ministrando aulas junto aos discentes participantes.

Práticas educativas foram desenvolvidas no decorrer do projeto em consonância ao pensar de Vidal, 2005, que defendo o “ocupar-se do mapeamento dos lugares de poder constituídos, inventariando estratégias. E conferir atenção às ações dos indivíduos nas relações que estabelecem com os objetos”, com a finalidade de gerar uma autonomia de conhecimento, construção de saber, de consciência histórica e de saber próprio.

Para isso, além das atividades em sala, conduzimos a turma através de visitas técnicas a museus e pelas ruas da cidade, para que estes tivessem a oportunidade de reconhecer, mediante suas ópticas e suas escolhas, a história de seu lugar de origem ao identificar traços da arquitetura local entrelaçando com a história de sua cidade.

As ruas aconchegantes de Campina Grande, “A Rainha da Borborema”, esconde inúmeras histórias de uma cidade que se constitui a insigne de “Capital do Trabalho” e edificou pelos seus casarões do centro histórico, momentos marcantes de sua história, e evolução a condição de segunda maior cidade do Estado da Paraíba.

*Imagem1:* Fotografia de uma visita técnica ao museu do algodão em Campina Grande - Paraíba.



*Fonte:* Autoria própria 2018

Dentre as práticas pedagógicas educativas que propomos a turma, tivemos a realização de uma oficina de pintura, sobre a nossa arquitetura buscando, através de quadros, sobre a Art Déco, trazermos para o alunado a autonomia na produção de uma fonte histórica imagética, importante sobre a história de sua cidade, sobre sua própria história. Esses “lugares de memórias” (NORA, 1993), de uma Campina Grande do início do século XX ganharam novas leituras e compreensões pelo olhar de discentes do 6º ano B com a façanha de fazer arte, expressando os sentimentos de consciência histórica definida por RÜSEN, 2010 como,

“a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo, (...) peculiaridade do pensamento histórico e a função que ele exerce na cultura humana”

Essa consciência se mistura a experiência (LARROSA, 2018) própria do alunado na produção do saber, no conhecer histórico e na sua identidade.

*Imagem 2:* alunos participantes do projeto durante a oficina de pintura



*Fonte:* autoria própria, 2018

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os primeiros contatos com os discentes, percebeu-se certa timidez de ambas as partes, e parcialmente um desinteresse, ou olhar desconfiado, por parte dos alunos participantes. Porém, ao passar dos encontros, ficou perceptível o surgimento de uma relação amigável entre ambos os lados, discentes e bolsistas, e como já se esperava, o aumento do interesse sobre a história de suas origens, impulso comprovado por dezenas de indagações que surgiram durante as visitas aos museus da cidade.

Ao anúncio da aula "experimental sobre pintura", acendeu-se um interesse imenso por parte da turma extensionista, o que gerou posteriormente uma maior interatividade durante a atividade que exigia um mínimo conhecimento sobre a Art Decor, mas que, despertava claramente o interesse pelo passado histórico da cidade, ou simplesmente pela primeira oportunidade de ser autor de uma obra de pintura.

Ao longo do desenvolvimento da oficina de pintura, como uma “prática educativa e pedagógica” (VIDAL, 2005), verificou-se o entusiasmo dos alunos ao pintar o que no passado foi planejado com tanta dedicação, por mais que, apenas para uma parcela restrita da sociedade daquele tempo, mas nesse momento, aqueles alunos, de um bairro pobre e repleto de necessidades básicas, tornavam autores de suas próprias histórias, escritas ou reescritas mediante o movimentar leve e suave dos pinceis e das cores vivas que tornavam repletas de luz antigas telas brancas com simples traços de grafite.

*Imagem 3:* Tela pintada por alunos participantes do projeto



*Fonte:* autoria própria

*Imagem 4:* Tela pintada por alunos participantes do projeto



*Fonte:* autoria própria

*Imagem 5:* Tela pintada por alunos participantes do projeto



*Fonte:* autoria própria

Os discentes deixaram suas marcas nas pinturas, porém respeitando adequadamente as delimitações geométricas impostas pela arquitetura pesquisada, além de grande parte ter utilizado adequadamente as cores as quais são "previstas" pelo estilo estudado, mostrando assim que foi consolidado um pouco de conhecimento sobre a Art Déco e conseqüentemente sobre a história da cidade de Campina Grande.

Tais atividades fizeram com que estes produzissem história. Eram agora agentes, produtores do conhecimento. Não mais, por alguns dias ou momentos, alunos que vivenciam uma dura realidade educacional, mas que ali, nas cores derramadas sobre as telas, havia sonhos, esperanças, consciência histórica sobre o conhecimento adquirido nos encontros teóricos, de tal forma que estes reconheçam-se verdadeiramente como atuantes na história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Partir dos encontros, consideramos que a oficina de pintura junto às outras práticas educativas exercidas no desenvolver do projeto, tenha gerado uma edificação. Uma relação de pertencimento dos indivíduos a sua cidade, sentimento esse, que acaba por assegurar uma identidade cultural, ou seja, uma consciência histórica. Também, acredita-se que a partir da liberdade oferecida aos alunos na oficina de pintura trouxe a esses, a capacidade de se verem como atores históricos e conseqüentemente, como agentes sociais de sua própria história. Além de que, anseia-se que os discentes tenham obtido um valioso conhecimento acadêmico para o ensino, já que crer-se que essa prática educativa no ensino de história torna mais produtiva e agradável a transmissão de informações e a geração de conhecimentos mediante práticas interdisciplinares e fugiram do enquadramento da sala de aula.

Essa é uma ótica idealizada por autores como Kochhann (2007), que a interdisciplinaridade na sala de aula, “[...] é a possibilidade de elaboração de ideias harmonicamente equilibradas com as diversas áreas do conhecimento num processo de pensamento dialético alicerçada na alteridade.”, e possivelmente, comprovada através desse projeto.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, C. (Org.). **O Saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.
- COELHO. T. S. **a imagem e o ensino em tempos atuais**. Florianópolis. 2012

- Gasparin, J.L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 4. ed. revista e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção Educação Contemporânea).
- GUZZO, A. C. P. **A Importância do Estudo do Patrimônio Histórico para o resgate da Memória**. HORTA, M.L.P.; Grunberg, Evelina; Monteiro, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 1999.
- KOCHHANN, A. **Por uma pedagogia psicanalítica: as vicissitudes na formação de professores**. Dissertação de mestrado em Educação com área de concentração em Psicanálise. Goiânia: 2007. 228 p
- LARROSA, Jorge. **Tremores, escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez, p.7-28. 1993
- PISSETTI, R.F.; Souza, F.C. **Art Déco e Art Nouveau: confluências**. **Revista Imagem, Volume 1, Número 1, Junho-Dezembro 2011**.
- RÜSEN, Jörn **História Viva. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico** Brasília: Editora da Unb, 2010.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História**. *Intelligere, Revista de História Intelectual da USP* vol. 3, nº 2, out.2017.
- SILVA, L.. M. **As significativas contribuições da arte no processo ensino aprendizagem**. Medianeira.2015.
- SILVA, M.A.; GUIMARÃES, F.S. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas** **Revista Brasileira de História**, vol. 30, pp. 13-33 Associação Nacional de História São Paulo, Brasil, 2010.
- VIDAL, Diana Gonçalves. **Cultura e Práticas Escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares**. IN *Cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas: Autores Associados ( 2005, p.04-30)
- YAMAZAKI, C.S; YAMAZAKI, M.O. **sobre o uso de metodologias alternativas para ensino aprendizagem de ciências, educação e diversidade na sociedade contemporânea**. Ed. COELHO, N. - ISBN 85-98598-22-4 – Julho,2006.